

## A VISITANTE

### 1

Às vezes imagino que as enigmáticas teias que movem as peças de um jogo, movem também os nossos passos. Tal impressão acentuou-se ainda mais a partir daquele princípio de inverno, quando a encontrei pela primeira vez. Pois a minha vida parecia encaminhar-se para o ponto exato das destinações, após longos períodos tortuosos. Mas, depois que a conheci, toda a minha andança se remodificou e fui novamente atirado num redemoinho de dúvidas.

O que nos aconteceu parece agora vagando em fugidias névoas. E tudo retorna, confunde-se em minha memória, como um embaralhado quebra-cabeças

: a ziguezagueante caminhada pelas dunas, até o sol nascer, as ondas explodindo na praia, respingantes, o envolvente cheiro do mar, entorpecendo todos os sentidos, e aquela noite, ela entrando no salão cheio (**os primeiros momentos, os que mais ficam, se fixam!**), a murmuração ondulante de vozes e cabeças, ela rompendo espaço adentro...

Mas é preciso tentar encaixar os pedaços, encontrar o começo, se é que houve começo, se algo que não chega a ter fim pode ter começo. É preciso também mencionar um campeonato de xadrez em Juiz de Fora, junho de 1968.

Havia espelhos em torno de várias colunas e cada pessoa que entrasse era uma, era milhares, reprojetao ao infinito. Disseram-me: a argentina, forte concorrente. Sua fama de hábil enxadrista era de todos conhecida. Mas, desinteressada de confraternizações, ela só apareceu nos últimos momentos. Alguns até já anunciavam a sua desistência.

Alinhavam-se as peças para o início das disputas e *ela entra: a figura alta, imponente, constelada na própria presença; o sorriso sem rumo e sem pressa; os olhos turvos, tristes, apenas um brilho pálido reluzindo na íris quase descolorida*. Vislumbres de sábia idade perpassavam-lhe pelo semblante, às vezes, em alguns momentos. Mas era bem jovem ainda. Ou não?

Altos muros, os da lembrança, memória. Como foi que tudo aconteceu mesmo? Havia espelhos em torno de várias colunas, sim, isso eu me lembro e quando ela se aproximou, ondulante e noturna, cumprimentando os presentes em reticências - *arrastam-se pés e cadeiras, frases desconexas, modelados risos e sorrisos* - algo se decifrou em minha mente (aquela incompreensível e inquietante sensação de reconhecermos, à primeira vista, uma face ainda desconhecida!).

Mas o que me vem em seguida, pulando outros encontros e ocasiões, é uma conversa que tivemos num bar, sob o estímulo de muitos cálices de vinho (a memória é vaga, dissonante, segue sempre o seu próprio fluxo, a sua própria escala de valores e graduações). E já ouço a sua voz - uma voz vaporosa, que parecia vir de ecoantes refúgios -, então me dizendo: “*No pienses en el tiempo como en un todo. El tiempo es permeable; podremos ir y volver, podremos alcanzar y dejarlo huir. Tambien podremos perdernos, escondernos en el tiempo*”.

Ei-la, agora, chegando, naquela noite, e *um cálido perfume evola-se no ar. Sua presença continua me despertando vagas inquietações: os vastos cabelos negros, soltos como o vento; a alvura da pele, contrastando com o carregado tecido escuro, uma provocante ausência de ornatos*. Mas, aparentemente, a flechante impressão seria apenas por me encontrar, pela primeira vez, com uma forte adversária (**ou seria a modulação pontiaguda dos seios, parecendo querer romper o claustro em que estavam encerrados, ou o suave alongamento das pernas, coxas, sob o vestido justo... ou não, ou tais sensações só me foram concedidas depois?...**). Logo, porém, ela também passou a fazer parte da atmosfera reinante e a noite voltou a girar no seu circuito interminável. Move-se o mundo nas entrelinhas?

Seguiram-se dias de acirradas disputas: nos brancos e negros espaços dos tabuleiros as peças moviam-se, moviam-nos, enquanto uma silente figura vagava pelos meus olhos. Quando não estava jogando permanecia quase sempre afastada, calada, entregue a si mesma. E quase me esqueci dela, envolto na andança e captura de reis, rainhas, bispos, peões e cavalos, que se perseguiam e se amalgamavam, naquele retangular universo.

Mas uma noite, finalmente, enfrentei-a. E quando me deparei com a sua presença - *os olhos luminosos adornando um suave sorriso* -, tudo pareceu novamente me abraçar, tudo retornou em volutas de ar e chama. Ela impassível, distante e, ao mesmo tempo, envolventemente tentadora. Quando as 32 peças já estavam a postos, prontas para o combate, ela escolheu: “*Quiero las blancas*”.

E confirmavam-se as expectativas: era uma jogadora brilhante, possuindo um estilo imaginativo e insólitas concepções táticas. Logo ela assumiu a liderança, levando-me a crer que muito dificilmente eu poderia derrotá-la. Mas sucederam-se combinações e contracombinações e, depois de algum tempo, as forças começaram a se equilibrar (*no tabuleiro as peças se deslocam e se defrontam em raros rumos e labirínticas armadilhas*). De um certo ponto em diante, porém, o dinamismo interior da disputa foi se transformando em valores estáticos e encaminhou-se para a

igualdade total (*gotículas de suor adornam, agora, como pérolas vivas, a concentração de sua face indecifrável*). Por fim, foi como se uma barreira se erguesse entre as peças, sem nenhuma vantagem, de nenhuma parte. O jogo acabou empatado, eu sentindo-me vazio e exaurido.

Poderosa atração conduzia-me, agora, cada vez mais, para a sua presença enigmática. Diversas vezes me surpreendi à sua procura, ou forjando a coincidência de nossos passos. Conversas vagas, suspensas em entrelinhas - subterfúgios. Ela mantendo-se reservada, longínqua. “Romper os seus bloqueios seria uma batalha bem mais penosa” - conjecturei. Junto a ela, porém, envolto na sua aura, eu me intimidava, me contraía, como se estivesse na presença de um ser irreal, imaginário, fora do meu alcance.

(Pairava também em seu semblante certa ansiedade. Não uma ansiedade aflitiva, aquela que rói os ossos e as entranhas, mas algo que se projetasse diretamente do infinito e também atingisse a todos que a rodeassem.)

Mas numa tarde ela surgiu estranhamente diferente, os olhos fixados num ponto só, imobilizados num brilho único e uma vibração alanceadora parecia impulsioná-la, *ela entrando no terraço* (a imagem ainda pairando no tempo!), *os cabelos desatados, sinuosos, formando ondulantes florações, os traços e o porte modelados como tênue correnteza, ela vem, aproxima-se, falando, divagante, as palavras saindo por si, numa harmonia própria, como se estivesse trocando idéias consigo mesma, ou com algo que pairasse através de sua própria presença* - “El Universo”- então ela me disse (e foi tudo o que se fixou de uma configuração rodopiante) - *“El Universo también es el resultado de um juego. Suelo que un juego si gañadores ni perdedores...”* Depois sentou-se num canto e caiu num silêncio aliviado, como o de um artista após uma explosão criativa, *a face vaga e resplandecente*.

Reconstituir a clara, ou turva ainda mais o enigma?

Numa outra noite, quando a empolgação do campeonato já arrefecia e já se delineavam os possíveis vencedores - e o que me importava agora o campeonato! - mais uma vez tomávamos vinho, refugiados num bar de subúrbio.

Comecei, então, e nem sei por que, a lhe falar da minha cidade, a secular Nossa Senhora do Desterro, da Ilha em que ela se localiza (mítico território habitado pelos carijós em tempos ainda não europeus), de mares agitados e selvagens praias, onde aportavam aventureiros e piratas, os centenários fortes e fortalezas, cenários de fuzilamentos e degredos, a maioria agora em ruínas...

e, fugindo do mar, a calmaria verde-azulada de uma Lagoa, ornada por navegantes-brancas dunas, a fugidia areia estendendo-se até a longa e deserta praia no outro lado...

- *Quiero conocer tu isla* - ela então falou, a segunda (ou terceira?) vez que vi seus olhos flamejarem.

Acabado o campeonato retornei à minha cidade e me esqueci daquelas palavras. Após alguns meses a sua figura transformara-se numa bruma distante em meu pensamento.

## 2

Até que um dia alguém bate à minha porta: - "*Aqui esto yo*" - ela se apresenta, enquanto eu procuro me desvencilhar da repentina (mas também lenta) surpresa.

Era maio, dias de ofuscante claridade, as florescentes cores de outono. Ela quis, então, ver e percorrer todos os pontos, cantos e lugarejos da ilha-cidade, com suas imobilizadas paisagens-paragens, receptáculo de ancestrais memórias e propício cenário à ação de mil bruxas e maledicentes práticas;

o passado ainda presente nos centenários casarões, nas arcadas e torres das velhas igrejas e nos sobrados esguios;

sombras reprojctadas em alvenarias, formas uniformes e disformes, o dissonante progresso;

a extensa ilha de morros de se perder de vista, fustigada por ventos de todos os lados;

o mar sempre constante em todas as visões.

Ela tudo via e examinava, com o olhar perscrutador, mas poucas vezes fazia alguma observação. Quando comentava algo, porém, era sempre na hora certa e precisa, como se recolhesse as impressões, deixasse amadurecê-las, para depois transmiti-las na sua perfeita configuração.

Em certos dias o uivante vento sul alterava tudo, acinzentando o tempo e gelando todas as horas. Numa dessas tardes andávamos pelos arredores da Ponte - o enorme vínculo negro de aço, ferro e concreto que liga a ilha ao continente -, observando as águas das duas baías:

o mar crispado, cor de ferrugem, de um lado, avançando como rugosa corredeira;

lustral, no outro, verde-contemplativo, perpassado por lâminas-estrias do forte vento.

Ela então me olhou espantada e constatou: - "*Piero este viento... es nuestro mismo viento, ele viento de las heladas alturas, de las secretas regiones... Por mas que yo haga, no consigo huir de él. Un dia, ciertamente, nos alcanzaremos...*" E, antes que eu tivesse tempo de fazer

alguma observação, ela já começou a falar de outra coisa: - “*Esta tu ciudad también parece ideal como refugio...*” - “Refúgio??”.. - Ela, no entanto, já se desviava, de novo, deixando apenas no ar um indecifrável sorriso...

Sim, ela me desconcertava! E apesar desse contato diário não me dava a mínima chance para que eu conhecesse, pelo menos o seu lado mais desvendável. Às vezes eu forçava, tentava fazer com que ela fosse mais longe, mas era obrigado a desistir em vista do seu distanciamento “... **o que ela quer afinal, qual o meu papel em tudo isto?...**” - mas ela parecia também conhecer? adivinhar? pressentir todas as minhas reações e tornava-se então loquaz, receptiva e falava em lugares, viagens... Mas nunca sobre a sua própria pessoa (apenas uma única vez referiu-se a sua infância na cidade de Buenos Aires).

Mesmo assim, mesmo dentro desse véu que a envolvia, as suas graduações mostravam-se infindas: ela parecia reunir em seu rosto todos os matizes, todos os graus e todas as épocas da feminilidade. Parecia também, às vezes, uma imagem de outros tempos, quando a florava com os cabelos sedosamente presos num coque, o traje quase sempre escuro, nostalgicamente sensual...

E eu sentindo-me cada vez mais atraído, mais submetido àquela feminina presença que se entranhara em minha vida avassaladoramente.

Até que um dia, na manhã perene de claridade, ela vem vindo pela rua do Mercado, perto do mar, a primeira vez que a vejo com um traje colorido, a blusa estampada, a saia curta, cor de pérola, coruscante, eu observando-a de longe, através do visor de uma teleobjetiva, ela atravessando o burburinho de barracas e gente de todas as classes e me vendo e expandindo um largo sorriso e *click*, eu apertando o botão da máquina e o momento para sempre (?) fixado: ei-lo aqui, ainda vivo, aceso, à minha frente, apesar de imobilizado no tempo. E ela surgiu, naquele momento, irradiando de todo o seu ser uma evolante juventude e os seus olhos também flamejavam e toda ela permanecia dominada por uma cor magnética, brotada de si mesma...

E esse dia diferenciou-se de todos.

### 3

Resolvemos ir a uma praia distante, no sul da ilha, e já no percurso - o automóvel avançando pela estrada beira-marinha - ela se entusiasmava com a paisagem, com as enormes pedras avolumando-se nos costões e falava de outras terras, outros mares, mares nórdicos, de coloração mais plúmbea. De repente disse: “*Siento una terrible atracion pelo mar*”, o semblante enevoando-se.

As ondas explodiam furiosas, lá embaixo, nas pedras, e o oceano era uma chapa metálica, sob a irradiação do sol de outono. De um lado e de outro só se via praia e a movimentação dos pescadores assemelhava-se a pincelados traços na distância. Subimos a pequena encosta, que avança mar adentro, e nos refugiamos no outro lado, envolvidos pelo aroma que vinha das águas.

E ali, deitados na relva, com o sol nos entorpecendo, me senti conduzido a outros ares, outros domínios e, quando dei por mim, estava recostado entre os seus braços. Então indaguei: “Quem és? O que queres? O que buscas?” Ela permaneceu silenciosa por algum tempo (**mas o que fiz? pus tudo a perder?**) e depois respondeu: “*Talvez me busque a mi misma. Aunque yo también nada sé, a no ser que la libertacion comienza en nosotros mismos...*” Então curvou-se e beijou-me suavemente os lábios e foi como se uma agulha finíssima me transpassasse da cabeça aos pés.

Um vento frio revolveu nossos cabelos.

Nessa mesma noite - uma noite fechada pelo arcabouço de negras nuvens - fomos à Lagoa da Conceição. E só o que se divisava do alto do morro, enquanto seguíamos ao local onde se concentravam os bares e restaurantes, era a reluzência das águas, sob o semicírculo iluminado pelos lampiões dos pescadores de siris.

Permanecemos até de madrugada num típico ambiente daquelas paragens, o aroma de camarões em preparo dominando o ar. Lá fora cantos lamurientos e violões enchiam a noite - noite de sortilégios, de pairante melancolia.

Ela se encontrava então - alegre? eufórica? meditativa? - já de nada me recordo direito, tudo vagando em perturbadoras névoas. Sei que eu atravessei toda uma constelação de antagônicas disposições.

Até que a sua voz rouca ecoou nos meus ouvidos: “*Vamos a salir?*”... Fomos andando pela areia, em silêncio, seguindo o murmurejo das águas. Vozes permaneciam aéreas, ao longe, e o vento sul cortava o ar, violentava os ânimos, trazendo junto o forte cheiro de peixes e camarões. Uma ébria cantoria quebrava a quietude da madrugada. Continuamos caminhando até um ponto onde não havia mais luz nenhuma, eu me sentindo fora de mim, fora das épocas, na noite sem estrelas, só percebendo aquela sombra, aquele vulto ao meu lado, que eu já nem distinguia quem era e, ao nos aproximarmos da brancura luminosa das dunas, fui dominado por um incontrolável impulso e, repentinamente, como se não fosse dono dos meus atos, abracei-a, agarrei-a, deitei-a na areia

e todas as revolvências do universo invadiram o meu cérebro, ela também já não mais resistindo, os corpos procurando-se, encontrando-se, descobrindo-se, a maciez de sua pele, o arredondamento rígido dos seios, a palpitação do sexo envolvente, os corpos unindo-se, enquadrando-se numa

só harmonia, num só ritmo (como já se pertencessem desde sempre) e eu me deixava conduzir até os pórticos do infinito, enlaçado na sua quente ofegância, sim, eu a alcançava, liberto, no pequeno espaço de tempo tão intenso quanto a eternidade, mas longe de mim, fora de mim (ou movido completamente pelo meu verdadeiro “eu”?) e também já não mais a reconhecia, naquele rosto transfigurado que surgia aos clarões, mas, ao mesmo tempo, extremamente único, no qual se estampavam todas as faces, todos os ardores, todos os desejos, sentidos e presentidos, e era também como num jogo, nos disputávamos, nos completávamos, nos vencíamos, até que tudo foi se interrompendo, se diluindo, se extinguindo...

Agora eu só percebia o contorno ondulante de suas linhas traçado na escuridão, quando sua voz penetrou nos meus ouvidos como se viesse de uma infinita distância: “*Gustaria de caminhar... sola*”.- “Mas não está muito escuro?”- argumentei. - “*Siempre existe una luz oculta que nos guia*”- ela respondeu (acho que sorrindo) - “*Luego nos encontraremos*”.

E foi andando pela areia, galgando a vaga alvura contrastante, como se flutuasse no espaço, até atingir o cimo de uma duna e desaparecer no outro lado.

Naquela madrugada vaguei durante um tempo que me pareceu interminável à sua procura. Rasgos de flamante luz abriam-se no céu, deixando tudo com uma tonalidade dourada. Depois, não conseguindo encontrá-la, resolvi pedir auxílio a alguns pescadores e policiais. Rodamos ainda um pouco pelos arredores e, quando o dia já clareava, atravessamos o escarpado areal e fomos até a extensa e selvagem praia de mar agitado que fica no outro lado (\*). Gaivotas pairavam em insistente alarido e as ondas jorravam numa esteira espumante, após a violenta arrebentação, mas a praia permanecia solitária e deserta como sempre. Subimos, depois, os rochedos do costão, onde as ondas explodem com milenar fúria. Nenhum vestígio de nenhuma presença humana por ali, além de nós. E o mar, indecifrável.

Nunca mais a encontrei.

Tudo agora retorna, confunde-se em minha mente como um embaralhado quebra-cabeças: a ziguezagueante caminhada pelas dunas até o sol nascer, as ondas explodindo na praia, respingantes, o envolvente cheiro do mar, entorpecendo todos os sentidos e aquela noite, ela entrando no salão cheio (**os primeiros momentos, os que mais ficam, se fixam!**), a murmuração ondulante de vozes e cabeças, ela rompendo espaço adentro...

\* *A atual praia da Joaquina.*

\*

*(Primeira versão: 1973 – 1º prêmio no Concurso de Contos promovido pela Academia Catarinense de Letras e Jornal de Santa Catarina naquele ano. O conto foi publicado originalmente no Jornal de Santa Catarina (março de 1973) e Caderno de Sábado do Correio do Povo (junho de 1973). A mesma versão foi incluída na coletânea de contos “Círculo 17, Editora do Escritor, São Paulo (1975).*

*Segunda versão: Incluída no livro “O Jogo Infinito”, Editora da UFSC ,(1984).*

*Terceira versão (definitiva): Publicada na coletânea “Os Nossos Melhores Contos”, Editora Garapuvu, 2003).*